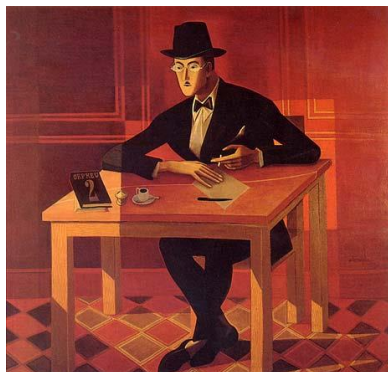


Autopsicografia



*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

*E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.*

*E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.*

O poema começa com uma metáfora: "O poeta é um fingidor." Fernando Pessoa está dando ao poeta o poder de se colocar no lugar de outro, de sentir sua dor. E até mesmo, confunde-se com a dor sentida, achando ser a própria dor. Na terceira e última estrofe, há a combinação de palavras inusitadas como calhas/rodas, comboio/corda, e um conceito metafórico de coração, que deixa nas entrelinhas a mensagem de que o poeta trabalha com a dor para entreter. Transforma o pranto em riso, a tristeza em alegria, o sofrimento em prazer.

Isto

*Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.*

*Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.*

*Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!*

No poema, as emoções são deixadas em segundo plano, e o poeta lança mão da imaginação.

A separação entre sensações e emoções, está centrada na figura com que o poeta situa-se num terraço, portanto acima de tais sentimentos. Tido como continuação do poema "Autopsicografia", o poeta joga ao leitor, a responsabilidade, do sentir, e julgar a sua maneira, visando à inteligência e à emoção.

Liberdade

*Ai que prazer
não cumprir um dever.
Ter um livro para ler
e não o fazer!
Ler é maçada,
estudar é nada.
O sol doira sem literatura.
O rio corre bem ou mal,
sem edição original.
E a brisa, essa, de tão*

*naturalmente matinal
como tem tempo, não tem pressa...*

*Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.*

*Quanto melhor é quando há bruma.
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não!*

*Grande é a poesia, a bondade e as
danças...*

*Mas o melhor do mundo são as
crianças,
Flores, música, o luar, e o sol que
peca
Só quando, em vez de criar, seca.*

*E mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças,
Nem consta que tivesse biblioteca...*

Tema raras vezes abordado pelo poeta de modo tão explícito: a liberdade humana. À primeira vista, trata-se de uma abordagem leve e divertida ao tema. Essa é claramente a sensação que se tem ao ler o poema. "Ai que prazer / Não cumprir um dever" - uma leveza simples e reta, que fala de como é bom não ter deveres, ou tê-los e não os cumprir, numa rebeldia com que sonham todas as crianças.

Fernando Pessoa pensa o contrário do que diz o seu poema. Se ele diz que bom é não cumprir um dever, ele pensa o contrário, que o dever é essencial para a liberdade, se o homem quiser ser livre, terá de se submeter ao cumprimento do dever que lhe é imposto.

O título - Liberdade - é apenas uma ironia triste e amarga e um contrassenso propositado.

✚ **MENSAGEM** foi o único livro que não teve como tema o próprio EU do poeta, mas sim a nação portuguesa que ele via mergulhada num profundo negativismo e marasmo. Este pequeno livro constituído por 44 poemas, possui uma essência épica e encontra-se dividido em três partes distintas: BRASAO, MAR PORTUGUÊS E ENCOBERTO.

1ª Parte – BRASÃO: o princípio da nacionalidade (em que fundadores e antepassados criaram a pátria)

“Ulisses” – símbolo da renovação dos mitos: Ulisses de fato não existiu, mas bastou a sua lenda para nos inspirar. A lenda, ao penetrar na realidade, faz o milagre de tornar a vida “cá em baixo” insignificante.

“D. Dinis” – símbolo da importância da poesia na construção do Mundo: Pessoa vê D. Dinis como o rei capaz de antever o futuro e interpreta isso através das suas ações – ele plantou o pinhal de Leiria, de onde foi retirada a madeira para as caravelas, e falou da “voz da terra ansiando pelo mar”, ou seja, do desejo de que a aventura ultrapassasse a mediocridade.

“D. Sebastião, rei de Portugal” – símbolo da loucura audaciosa e aventureira: o Homem sem a loucura não é nada. D. Sebastião, apesar de ter falhado o empreendimento épico, foi em frente, e morreu por uma ideia de grandeza, e essa é a ideia que deve persistir, mesmo após sua morte.

2ª Parte – MAR PORTUGUÊS: a realização através do mar (em que heróis empossados da grande missão de descobrir foram construtores do grande destino da Nação)

“O Infante” – símbolo do Homem universal, que realiza o sonho por vontade divina: ele reúne todas as qualidades, virtudes e valores para ser o intermediário entre os homens e Deus (“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.”).

“Mar Português” – símbolo do sofrimento por que passaram todos os portugueses: a construção de uma grande nação, (“Ó mar salgado, quanto do teu sal/São lágrimas de Portugal!”)

“O Mostrengo” – símbolo dos obstáculos, dos perigos e dos medos que os portugueses tiveram que enfrentar para realizar o seu sonho: revoltado por alguém usurpar os seus domínios, “O Mostrengo” é uma alegoria do medo, que tenta impedir os portugueses de completarem o seu destino.

3ª Parte – O ENCOBERTO: a morte ou fim das energias latentes (é o novo ciclo que se anuncia que trará a regeneração e instaurará um novo tempo)

“O Quinto Império” – símbolo da inquietação necessária ao progresso, assim como o sonho: não se pode ficar sentado à espera que as coisas aconteçam; há que ser ousado, curioso, corajoso e aventureiro; há que estar inquieto e descontente com o que se tem e o que se é!

“Nevoeiro” – símbolo da nossa confusão, do estado caótico em que nos encontramos, tanto como um Estado, como emocionalmente, mentalmente, etc.: algo ficou consubstanciado, pois temos o desejo de voltarmos a ser o que éramos (“(Que ânsia distante perto chora?)”), mas não temos os meios (“Nem rei nem lei, nem paz nem guerra...”.) Fernando Pessoa preconizava para Portugal a construção de um novo império, espiritual, capaz de elevar os Portugueses ao lugar de destaque que outrora ocuparam a nível mundial.

<i>III PADRÃO</i> <i>O ESFORÇO é grande e o homem é pequeno.</i> <i>Eu, Diogo Cão, navegador, deixei</i> <i>Este padrão ao pé do areal moreno</i> <i>E para adiante naveguei.</i> <i>A alma é divina e a obra é imperfeita.</i> <i>Este padrão sinala ao vento e aos céus</i> <i>Que, da obra ousada, é minha a parte feita:</i> <i>O por-fazer é só com Deus.</i> <i>E ao imenso e possível oceano</i> <i>Ensinam estas Quinas, que aqui vês,</i> <i>Que o mar com fim será grego ou romano:</i> <i>O mar sem fim é português.</i> <i>E a cruz ao alto diz que o que me há na alma</i> <i>E faz a febre em mim de navegar</i> <i>Só encontrará de Deus na eterna calma</i> <i>O porto sempre por achar.</i>	<i>I. O INFANTE</i> <i>Deus quer e, o homem sonha, a obra nasce.</i> <i>Deus quis que a terra fosse toda uma,</i> <i>Que o mar unisse, já não separasse.</i> <i>Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,</i> <i>E a orla branca foi de ilha em continente,</i> <i>Clareou, correndo, até ao fim do mundo,</i> <i>E viu-se a terra inteira, de repente,</i> <i>Surgir, redonda, do azul profundo.</i> <i>Quem te sagrou criou-te português.</i> <i>Do mar e nós em ti nos deu sinal.</i> <i>Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.</i> <i>Senhor, falta cumprir-se Portugal!</i>
---	---

NOITE

A nau de um deles tinha-se perdido
No mar indefinido.
O segundo pediu licença ao Rei
De, na fé e na lei

Da descoberta, ir em procura
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.
Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
Volveu do fim profundo

Do mar ignoto à pátria por quem dera
O enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

Como a um cativo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E, quando o veem, veem a figura
Da febre e da amargura,

Com fixos olhos rasos de ânsia
Fitando a proibida azul distância.
Senhor, os dois irmãos do nosso Nome
-- O Poder e o Renome--

Ambos se foram pelo mar da idade
À tua eternidade;
E com eles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de herói.

Queremos ir buscá-los, desta vil
Nossa prisão servil:
É a busca de quem somos, na distância
De nós; e, em febre de ânsia,

A Deus as mãos alçamos.
Mas Deus não dá licença que partamos.

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

QUINTO / NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer-

Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo fátuo encerra.
Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,

Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.

Ó Portugal, hoje és nevoeiro...
É a Hora!